



O Gaiato

27 DE MAIO DE 1973

ANO XXIX — N.º 736 — Preço 1\$00

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES



Contrastes — Benguela cresce. Os centros urbanos da Província crescem. A palavra progresso entra nos discursos de homens responsáveis. É verdade. Traduz realidade. Conhecemos Angola apenas há oito anos. Quantas transformações em tão curto espaço de tempo! Mais de perto, porque dentro dos seus muros, vemos Benguela crescer. E o Lobito tam-

LOURENÇO MARQUES

De há muito que as notícias da nossa Casa, têm rareado. Muitos recorrem aos nossos vendedores de «O Gaiato» para as saberem e, aliás, foram sempre eles o nosso melhor elo de comunicação, pois, sei com pesar, que pessoas há que compram o Jornal para darem o dinheiro e não para o lerem.

Notícia melhor é a de que se aproxima a conclusão da nossa casa-mãe e com ela a mudança das instalações antigas. A visita da Senhora e do sr. Governador veio dar-nos alento oportuno, pois de acabamentos só sabe quem um dia se meteu a construir uma casa. Porém, não estamos a acabar, mas a começar, porquanto já estão de paredes levantadas também as pocilgas e brevemente a vacaria e contamos, antes de ocupar a casa-mãe, ter fora dos alicerces uma casa de habitação, possivelmente de primeiro andar. Não podemos parar nem esmorecer. Estes quatro anos e meio foram suficientes para me deixar mais velho um pouco de forças físicas e perder com obras, energias e tempo que necessariamente devo reservar para os Rapazes. São eles as pedras vivas do edifício da Obra da Rua e singularmente desta Casa do Gaiato. A construção da Aldeia é uma circunstância primária de lugar para o nosso trabalho, mas não podemos ficar presos a ela, antes há que libertar forças o mais

bém. E todas as terras por onde passamos. Mas não é um crescimento harmónico. Dentro da mesma comunidade há contrastes que gritam. Que berram. Que roubam a beleza ao conjunto.

Cruzamos todos os dias, em missão de serviço, as ruas asfaltadas da nossa cidade. Velhos pardeiros de adobe dão lugar a grandes construções ou a vivendas airosas. Quintalões semeados pelo centro da cidade germinam em moradias e jardins bem cuidados. Não fosse Benguela a cidade das acácias — a cidade jardim! Aparecem os parques onde as crianças brincam baloiçando, escorregando, rodopiando. São as zonas verdes; são os pulmões dos centros urbanos...

Quadros da nossa vida — Quando vossos filhos fazem anos, há festa em casa. Os nossos também fazem. E como são muitos e não nos lembramos de todos, tomam o cuidado de nos lem-

Continua na TERCEIRA página

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

A nossa Festa anual, realizada no dia 11, decorreu satisfatoriamente. As palavras de amizade que ouvimos e as que nos escreveram já são disso garantia. Quem vive as coisas nos bastidores fica sempre longe de se aperceber daquilo que se passa no palco. De resto, o que importa fundamentalmente nas nossas Festas, são outros valores. A comunhão de sentimentos que se estabelece, o revigorar de energias indispensáveis para a luta do dia a dia e a vivência íntima daquilo que está na base de toda a acção da Obra sobrelevam todos os outros aspectos. Quem está na primeira linha de combate, tantas vezes desgastante e demolidor, recebe o benefício maior, como que um influxo galvanizante de forças anímicas e físicas, susceptível de permanecer nesta luta e, se possível, de aumentar o seu esforço ao serviço de Deus e dos Homens, para lá das suas misérias e fraquezas. Bem hajam, pois, todos os Amigos que foram ao Monumental; ou que, de qualquer modo, tornaram possível o nosso encontro anual, desta vez integrado nas nossas «baldas de prata».

XXX

As novas oficinas aproximam-se do fim. Está-se na fase morosa e por isso enervante, dos acabamentos. Já começámos com a respectiva

Aqui, LISBOA



Entre os jardins da casa-mãe do Tojal e um apontamento das novas oficinas, ao fundo, as escolas e salão de festas.

breve possível para uma dedicação exclusiva à formação deles. Há quem nos compreenda e fique extasiado e satisfeito com o que vai vendo levantar-se neste lado do Infulene. Tenho esperado, quase em vão, por mais compreensões construtivas e não passivas. Esperanças tenho sentido muitas, mas ninguém leve a mal que cada vez as restrinja mais aos Rapazes do que à sociedade que nos cerca. Com eles na rua, ela será pior; com eles na Casa do Gaiato e um dia já integrados, será certamente melhor. Nisso poucos atentam. Fixam-se na matemática dos números, que pode dar muito certa para arrumar incertezas, mas não chega a atingir aquilo que nos faz viver — a alma. «Por ela, sangrem os padres até ao fim» — deixou-nos dito Pai Américo. Por isso, pelos trinta e seis que ora temos e por aqueles que aguardam de há dois anos e pelos que esperam, sem saber quem lhes dará a mão, continuo a sangrar.

Já aqui falei de um Rapaz que recebemos ultimamente, numa idade que seria desaconselhável em qualquer Casa das nossas. Não joguei com números, mas com o espírito. E não estou arrependido. Ele é um repositório de tudo que de abominável a nossa sociedade inventou para se corromper a si mesma. É um compêndio de quanto tem em si de hediondo e uma demonstração daquela face escondida que eu gostaria de ignorar inocentemente toda a minha vida. Mas porque através dele a fiquei a conhecer, nisso tive oportunidade de me sentir imensamente

Cont. na QUARTA página

Cont. na QUARTA página

PELAS CASAS DO GAIATO

MALANJE

FERIAS — Foram muito movimentadas aqui em Casa. Apanhámos todo o milho que deu bom resultado e graças a Deus está como esperávamos. Foi a colheita e preparação do tabaco. Reformou-se a lavandaria onde adaptámos a máquina eléctrica. E já instalámos o telefone.

Temos o «catterpillar» que a «Sonefe» já nos tem cedido várias vezes e que mais uma vez nos emprestou

Importante recado para um Leitor do Porto (?)

Há tempos, deu-nos o prazer da sua visita um estimado leitor (salvo erro do Porto), que se identificou como «ferroviário reformado».

Motivo da visita: mostrá-nos uma útil e oportuna compilação de textos de (e acerca de) Pai Américo. Obra manuscrita, que tornou a levar — para concluir.

Como agora, porém, essa colectânea nos faria muito jeito, chamamos a atenção do bom amigo para ter a bondade de entrar em contacto connosco. Pois não registámos o seu nome, tão pouco a sua morada...

Muito obrigado.

para desmatar, a fim de fazermos reservas para o gado.

Decerto que os nossos boizinhos se adaptarão.

A FAMÍLIA CRESCE — A nossa família vai crescendo dia a dia.

Chegou o Jorge de Luanda. Vivia só, com a avó que o enchia de mimos e carinho. Quando chegou chorava muito e dizia que queria ver a avó. Como chorava muito (é certo que a nossa malta quando chega um Rapaz novo lhe quer pôr uma alcunha, escolhe sempre qualquer coisa de invulgar para a distinguir) ficou o «Chorão».

Eram sete horas. Estávamos à ceia e o Jorge de Luanda foi mandado com outro com uma lanterna à lagoa, buscar as cadeiras que tinham lá ficado da reunião dos Srs. Padres. O Jorge saiu e algum tempo depois fomos dar com ele e o outro na varanda, dizendo que tinham medo. Foram jantar. E, ao entrarem no refeitório, batemos todos palmas aos nossos heróis.

TRABALHO — Somos, é certo, uma família numerosa. E como não possuímos fortuna, temos de trabalhar para angariarmos o sustento. E, graças a Deus, não é em vão o nosso trabalho. A horta, os campos repletos de algodão, girassol e outros, em que o milho e o tabaco já foram apanhados e já estão preparados para nova sementeira, dão testemunho.

Os mais pequeninos, os «Batatinhas», como não podem desempenhar certos cargos, e pensando por vezes que o seu trabalho é insignificante, é contudo o que tem mais elevado valor.

Eles ocupam-se dos jardins, limpam à volta das casas apanhando papéis, paus, etc.

Quando cá vêm visitantes, exclamam admirados:

— Que lindo, e tudo tão bem tratado!

E nós cheios de vaidade:

— São os «Batatinhas».

Jorge Manuel («Laranjinha»)

CALVÁRIO

AVIÁRIO — Situado num dos recantos mais poéticos do Calvário temos um aviário.

É uma atracção para os de dentro e de fora, devido aos faizões que nele se encontram. Todos nascidos e criados cá. E estão na disposição de não terem descendentes... porque os ovos não chegam a arrefecer!

Vieram chamar-me com certa pressa. Fomos ver. Era uma fêmea ainda aninhada. O que foi em boa hora (nesse momento não havia dúvidas): tínhamos ovo!

No dia seguinte alguém teve a ideia

de se sentar a vigiar... Sem resultado! Até agora os «senhores» faizões estão crentes de que não haverá novos faizões!...

PRIMAVERA — Teima em não assentar arraiais! Mas nem por isso o Calvário deixa de ser belo. Porém, a maior beleza está no esforço feito por torná-lo atraente. Tem sido assim todos os anos. Desta vez calhou à relva, junto da Capela. Era uma medida bem necessária. Veremos se renasce aquela beleza exterior, já que a interior é sempre bela — faça sol ou chuva. Mas focamos este aspecto só pelas dificuldades quando o sol aperta, para se conseguir a melhor for-

ma de regar os terrenos ajardinados. Quando há água disponível não se consegue aproveitar devidamente pois fica muita pelo caminho, devido à mangueira estar velha e «chatiada» por não haver outra para a substituir!

ANIVERSÁRIO — No dia 4 do corrente completou mais um ano o «Campo Santo» do Calvário. A data passou despercebida à maioria. Mas a nós, não; o Senhor veio buscar o Antunes. Era nosso já há alguns anos. Por tanto sofrer — e sobretudo por ser tão resignado — é que deixou saudades aos seus companheiros. Por isso mesmo, eis a razão forte de nos lembrarmos daquele dia 4 de Maio...

Hoje estão lá uma centena a repousar eternamente. E muito felizes — porque no Seio do Pai Eterno.

MANUEL SIMÕES

Vistas de dentro

Os grilos começam a ser notícia.

Estava habituado a ver o «Sineta» mais o «Tintin», os trolhas cá da Aldeia, a jogarem a bola no final do trabalho.

Esta manhã, pois, vi os nossos amigos, na sua hora de recreio, sentados no chão, pernas cruzadas, contemplando uma caixa de cartão posta no meio deles.

Não contive a curiosidade e perguntei-lhes o que queria dizer aquela contemplação.

Sorriem e apontando a caixa exclamam:

— Fomos aos grilos!

Deixei-os, e procurei saber o que se passara.

— Foram aos grilos na hora do trabalho e agora, fazem Yoga.

Também me constou que o «Gágá» e o Luís, dignos cozinheiros da Casa, estiveram por um triz a terem de fazer Yoga.

Por amor dos grilos iam-se esquecendo do comer.

Safaram-se, pois conseguiram dar o comer a tempo e horas.

Na Capela já ouvi os primeiros gri-gris.

Foram tímidos e como que a ensaiar a sinfonia que se vai seguir nos dias futuros com dezenas deles a fazerem música de fundo no Terço ou na Missa.

Verdade que gosto muito deste acompanhamento. Não é, sequer, irreverente...

Mas o pior surgirá quando choverem os pedidos de grilos.

Sim. É que há, todos os anos, pedidos dos senhores do Porto que não os dispensam, mas os querem bons cantadores. Ora isso vai causar muitos problemas. O primeiro será atuar o Serafim. Ele é o encarregado do campo. Barafustará por mor dos campos estragados, dos centeios partidos, dos trevos calcados, etc.

Mas o bonito vai ser quando lhe forem à horta cortar as alfices para dar de comer aos ditos. É que Serafim vai mesmo aos «arames» e ninguém o consegue acalmar.

Outro problema, é a sua caça nos campos dos vizinhos. Se eles ouvem um bom cantor, não resistem; e não há fronteiras...

Depois, claro, são as reclamações.

Mas o caso não fica por aqui.

Vão surgir as trocas; mais-las que desaparecem da caixa de x, para aparecer na de y; as pequenas rixas do «este era meu, o teu é aquele» e no meio desta trapalhada não há mãos a medir para resolver o caso dos grilos. Eu proponho que se vá pensando numa escola de Yoga, pois vão ser muitos os concorrentes, a adivinhar pelo que vi.

Mas, para além do que é e do que vai ser, os grilos são vida nova cá em Casa.

x x x

As nossas Casas são uma autêntica «caixinha de surpresas», umas boas outras más.

De tão habituados a elas julgámos não haver já mais nada

que nos viesse a espantar. Enganei-me.

Estávamos a almoçar. A meu lado «Rato Branco» levava frequentemente a mão ao bolso da camisa como que a acariciar qualquer coisa que lá tinha dentro.

Mais um pardalito — pensei. Momentos após vejo surgir uma pequenita cabeça no bordo do bolso, mas não cheguei a enxergar o que era, tal a rapidez com que se sumiu.

Daf a pouco volta a aparecer a cabecita e... oh surpresa! Era um rato!

«Rato Branco» percebendo o meu pasmo dá-lhe uma pancadinha e ele lá voltou para o fundo do bolso.

Finda a refeição, «Rato» mostra-me, contente, o animalzinho e exclama:

— Veja que bonito e que pequenino!

Fiquei a matutar. «Rato Branco» com um rato no bolso. Que coisa esquisita! Que relação haveria entre a alcunha e o seu gosto pelo animal?...

Pensei ser caso para consulta psiquiátrica; mas não. Nada disso. É tudo muito simples. Apenas que eles adoram as coisas pequeninas e vivas. Daqui as suas paixões pelos gatitos e cães, pássaros e pintos, os tourinhos e porquitos, pelxes e grilos, etc. etc. E agora também pelos ratitos.

Gostam das coisas simples e ingénuas, como eles.

Tempo virá em que estas perderão, progressivamente, o interesse. Outros motivos os preocuparão e as coisas simples passarão a ser pequenos problemas. Depois, outros centros de interesse os prenderão e com eles os seus problemas.

É o processo natural da criança que se vai tornando homem.

Bom seria que ao tornarem-se homens não perdessem esta dimensão de crianças.

«Se não vos transformardes e vos tornardes como crianças, não entrareis no Reino dos Céus» (Mat. 18-3).

Padre Abraão

CAMPANHA DE ASSINATURAS

Mais assinantes de «O Gaiato»

O silêncio da Campanha de assinaturas não significa paragem. Outros motivos têm sido motivo.

À minha frente é um monte de cartas e postais e numerosas listas de novos leitores! Documentos vibrantes. Diria mesmo empolgantes. São d'almas vivas, que pulsam ao vivo. Desde os motivadores aos motivados. Mesmo os que dispensaram outras mãos para se encaminhar até à numerosíssima Família do «Revolucionário». E são muitos. De todas as idades e cores e condições sociais.

Como nos sentimos espiritualmente felizes ao ler tantos

«desejo ser assinante», «quero ser assinante»! Desejar e querer são, aqui, verbos sinónimos.

Hoje seria impossível compilar uma breve síntese da procição que, nos últimos tempos, se amontoou em nossa mesa de trabalho! Portugueses de todo o lado; do Minho ao Algarve, da Europa à África e Américas. Portugueses de todo o mundo! Com palavras suas, à sua maneira e dialectos. Esta variedade tem um sabor que espezita. E daria ocasião (se fôsse possível) de publicar — em cada edição — um frutuoso suplemento de Colaboração dos Leitores. Pai Américo, numa explosão de Sobrenatural, foi mais longe. Queria lançar a público um livro, uma obra séria, com documentos d'alma dos nossos leitores. E tem razão. Tem sim senhor. A gente fica a fumar com o calor da vossa amizade e espiritualidade. Sois um incentivo,

indispensável, na caminhada. Sobretudo um permanente exame de consciência das nossas limitações peregrinas.

Curvemo-nos, pois, respeitosamente, ante o depoimento singelo — e tão delicado! — de uma nova assinante de Carapatelo; juventude espiritual que é uma imagem nítida dos nossos correspondentes:

«...Pelo muito que aprecio a leitura de «O Gaiato», peço o sacrifíciozinho de me inscrever como assinante, embora já não possa sê-lo por muito tempo, porque a idade já é bastante avançada. Ai vai, portanto, o meu endereço...».

Como ainda há muitos lares portugueses sem «O Gaiato», a marcha continua! E seguindo o entusiasmo da primeira hora!

Júlio Mendes



A reedição do 2.º volume do «ISTO É A CASA DO GAIATO»

«Abre-se o *Isto é a Casa do Gaiato* e dentro traz selecções... episódios de maior formosura, de entre as que enchem a quarta página do Jornal. São coisas lindas e relidas, que de novo tornamos a ler e a saborear.

Se eu tivesse meios de saber quem são, entre todos, os verdadeiros apaixonados, havia de mandar, a cada um, seu livro. Mas eu não sei. As coisas da alma, só a alma as sabe. Por isso mesmo espero que eles gritem; que os apaixonados digam da sua paixão — e o livrinho lá vai ter.»

PAI AMÉRICO

RESPOSTAS AO POSTAL-REQUISICÃO

Na linha demarcada por Pai Américo — na promoção (como ora se diz) da presente obra reeditada — expedimos para toda a gente — sem excepção — afagados no corpo franzino do penúltimo número, os postais-requisição, de cartolina amarelo-canário.

Todos os dias há respostas! De todos os quadrantes. E são muitos os apaixonados que não se contentam apenas com o «Isto é a Casa do Gaiato» — 2.º volume. Pedem, também, o primeiro da colecção. Outros vão ainda mais longe — requisitam os títulos da nossa Editorial, do número 1 ao 12, sem reparar nos esgotados. A força do amor! Por isso, cresce o grupo dos ansiosos, que choram, com mágoa, a ausência do «Pão dos Pobres» — 1.º volume, do «Barredo», «Viagens» e «Doutrina»!!

Entretanto, esperamos que todos, todos, todos, continuem a gritar; que os apaixonados digam da sua paixão e o livrinho (o «Isto é a Casa do Gaiato» — 2.º volume) lá vai ter). Sem demora. Estamos às vossas ordens.

TERMINAMOS A EXPEDIÇÃO PARA OS ASSINANTES

Terminamos a grande expedição, para os assinantes da Editorial. É certo, custou (e não custou...) um pouco mais do que o habitual. Mas não atabalhoámos. Conforme se arrumava o ficheiro da Editorial — agora junto (em simultâneo) com o do Jornal — procedíamos ao despacho dos livros, em sacaria confeccionada para o efeito, e com o vosso endereço impresso.

Resulta a simplificação do trabalho! É racional. Eficiente. Tanto, que chegámos à triste conclusão de que — se o serviço continuasse como até aqui — perder-se-iam à volta de meio milhar de livros, de cada edição, por extravios de vária ordem!! Mudanças de endere-

ço, falecimentos, omissões, apatias, inscrições deficientes... etc. Um rol de trapalhadas, que gerava trapalhada mútua! Evidentemente, jamais alcançaremos o óptimo. O óptimo é inimigo do bom... Mas já sacudimos, entretanto, um capote da chuva. E — da nossa parte — tentaremos servir o melhor possível.

O TRABALHO É NOTÍCIA

Continuo a deliciar-me com o trabalho perseverante do Veiga — a calma personificada. No entanto, os senhores fiquem a saber que todos os livros foram colados (a capa, evidentemente) só por ele. Um dos pomposamente chamados diminuído físico! A propósito: quando é que a nossa incipiente sociedade de consumo se dispõe a zelar eficazmente por milhares de Veigas espalhados pelo País fora? São reuniões e mais reuniões. Até já mete conferência de imprensa, com individualidades de relevo! Mas no silêncio da amargura — isso sim... — os Veigas da nossa terra esperam obras.

«Campanera» e «Zip» permanecem na Encadernação, arrumando os exemplares que não-de ficar em estante — às vossas ordens. Ambos merecem, também, um abraço; apesar das raríssimas dispersões — em horas úteis — com leituras de cowboiada e algumas (vá lá!) d'ordem tecnológica. Não esqueçamos, outro tanto, «Quim do Porto», o do pontapé de saída; agora em cura d'ares proveitosa, em nossa Casa do Tojal. E mais o «Zucaca». E o terrível «Recocheco» — o rei da gritaria!

O CORREIO DOS LEITORES

Chegados aqui, o meu coração fica esmagado. Deveria não ter dito nada! E dar à estampa só, e só, o correio dos leitores. Que documentos! Que páginas de Vida! Que explosões de Sobrenatural! Vai daí, é tanta gente e tantos os comentários e desabafos e hosanas à volta do mesmo conceito — o «Isto é a Casa do Gaiato» — tão específicos dos nossos leitores, que fico esmagado! Vou escolher presenças à sorte, no meio da multidão. Eis os representantes do espírito da grande maioria:

Começamos por Pretória — África do Sul:

«Apesar de não ter vagar para ler, já tenho o livro quase no fim. Eu e meu marido começamos a ver quem o acabava primeiro. Mas ele ganhou-me! É pena ser tão pequeno...»

Regressamos à Europa. E segue Arrifana (V. V.):

«O 2.º volume de *Isto é a Casa do Gaiato*, recebido há

dias, como o 1.º, vai ser lido aos poucos em família, antes da recitação do Terço, para que os filhos vejam como se pode viver o Evangelho no dia a dia...»

Agora, a palavra vai para Lisboa:

«Li o *Isto é a Casa do Gaiato* de um fôlego, logo que o recebi. E novamente aos poucos, por várias vezes!

Lê-se com a alma de joelhos; muitas vezes com os olhos cheios de lágrimas que correm pelas faces; outras, aqui e ali, com uma risada alegre, pela maneira muito, especial, muito sua, que Pai Américo punha em tudo quanto escrevia.

Bem haja por o terem reeditado para o nosso bem espiritual!

Acho que devem fazer o mesmo aos outros livros que estão esgotados...»

E, a Capital, fecha a procissão:

«Recebi o livro *Isto é a Casa do Gaiato*. Benvindo seja! Já cá o tinha, mas nunca é demais. É uma boa lembrança para oferecer.

O Padre Américo parece crescer com o tempo. Grande homem e grande sacerdote! Era destes que a Igreja e a Sociedade precisavam. Tudo está nas mãos de Deus.

Da sementeira do Padre Américo alguma coisa há-de nascer, que em santidade e zelo o há-de prolongar no mundo dos leigos. Aguardemos. Deus é grande e misterioso os Seus designios...»

Quatro testemunhos. De gente simples e de homens responsáveis. Cristãos adultos — em busca de um mundo melhor.

Júlio Mendes

O «Coradinho»



Sou natural da Glória — Aveiro. E desconheço, por completo, toda a minha família: pais, tios, etc.!

Meus pais fugiram, teria eu dois anos. Minha mãe entregou-me a uma senhora, já idosa, mediante uma certa soma de dinheiro e passados dois meses fugiu com meu pai. Nunca mais soubemos a sua morada!

Mais tarde essa senhora pediu a outra que me metesse no Internato Distrital de Aveiro. Quando entrei nesse Colégio tinha seis anos; e já conhecia por lá muitas senhoras minhas amigas.

Com dez anos fiz a quarta classe, na Vera Cruz. Depois do exame de admissão entrei na Escola Comercial. Mas eu era muito vadio! Comecei a fugir às aulas e reprovei o ano por faltas.

Então, passados dois meses fui trabalhar. Em dois anos corri três empregos, e não me dava em nenhum.

Convidaram-me, entretanto, a ir para a Casa do Gaiato. Disse que ia pensar. Mas responderia depressa.

Em dois dias respondi o sim e levaram-me a casa de um sr. padre que escreveu para Paço de Sousa duas cartas, se não me engano. Em resposta a uma delas, sr. padre Carlos perguntou se eu queria estudar. Disse-lhe que já tinha estado a estudar, mas foi em vão. Então, sr. padre Carlos deu ordem para eu vir para esta nossa Casa do Gaiato de Paço de Sousa, onde cheguei numa segunda-feira de Julho. E cá fiquei como filho da Obra.

O meu primeiro trabalho, aqui, foi no campo. Não fui para os do grupo da Lenha & C.ª porque já tinha 13 anos. Senão...

Retomei os estudos, no começo do ano lectivo, na Telescola, em Paço de Sousa. E já acabei o Ciclo Preparatório! Durante esses dois anos trabalhei no campo; e também na casa-mãe, como cozinheiro.

Fiz o primeiro e segundo ano com boas notas, já se vê. E não deixei ficar mal os que para cá me trouxeram, nem mesmo os meus superiores.

Depois, pedi ao sr. padre Carlos para ser carpinteiro. Perguntou-me se era a arte que desejava, se era a minha escolha profissional. Disse logo que sim. E, por isso, continuo muito interessado na aprendizagem deste ofício.

Agora, com toda a minha boa vontade, espero ser um homem. E, desde já, como posso e sei, agradeço a todos quantos cuidaram de mim. Mas, no meu parecer, o melhor agradecimento que posso dar é portar-me bem. Para ser, afinal, amanhã, mais um dos muitos que a Obra da Rua levantou da miséria.

Manuel de Sá Cunha

Areias do Cavaco

Cont. da PRIMEIRA página

brarem de véspera ou no próprio dia. Há sempre um pomenor na mesa a marcar o seu dia de aniversário. E há palmas e gritaria à maneira das crianças normais.

Se há os que são «sérios» e celebram apenas uma vez no ano o seu aniversário, há outros que tentam celebrá-lo mais que uma vez no ano, aproveitando-se da nossa falta de memória. Mas nem sempre resulta a sua esperteza. Vão ter com a Senhora a ver se ela cai. Mas, como «gato escaldado de água fria tem medo», são remetidos para mim a fim de confirmar. E vou ao ficheiro. Com essa é que eles não contavam. Ao serem descobertos têm como prémio o «gozo» dos seus companheiros.

Aproveito a ocasião para dizer aos nossos bons amigos

que bem falta nos faz um «stock» de lembranças para os nossos aniversariantes de verdade!

x x x

Outro quadro — Com receio de sermos pesados àqueles que muito nos amam, fomos saber se poderíamos contar com o dinheiro do pão para este ano. 125 bocas a comer, dentro de pouco tempo! Cerca de 90.000\$00 para o pão durante o ano!

Fomos. Ao serviço deles vamos às missões mais difíceis. Recebemos como resposta um sim. «Que a Casa do Gaiato é como se fosse um filho meu a quem eu tenho de sustentar». Não sou capaz de dizer mais.

x x x

Agora é. Não esperamos mais. Em meados da próxima semana ficaremos instalados nas casas novas. É um passo grande que damos. Nele buscaremos o estímulo para outros também grandes. As portas ficarão abertas de dia e de noite a quem quiser ver. «Somos a Porta Aberta». A estrada asfaltada até à porta convida. Foi mais um mimo com que os homens de bem nos quiseram alegrar.

Padre Manuel António



Poluição

É verdade! Um tema na ordem do dia!

Governos e cientistas preocupados com o problema e ocupados em dar-lhe solução. Detritos que os homens produzem na razão directa do seu padrão de vida. Reverso do progresso. Contradição sem tréguas imanente de toda a actividade humana.

Novas técnicas, como as das embalagens, a não recuperação das ditas para comodidade maior dos utentes e libertação de espaço nas mini-casas que se constroem, ajudam a gerar uma filosofia de vida característica da «sociedade de consumo», em que o senso doméstico do aproveitamento e conservação do que ainda possa ter utilidade se dilui e cede lugar a um novo sentido de conversão do que não presta, a nível industrial. O espaço, agora omisso nas casas, substituído por lixeiras enormes — ameaçadoras avalanches, capazes de sufocar as grandes cidades. O uso cada vez mais largo de materiais sintéticos, em lugar de produtos a partir da Natureza, é outro problema grave, pois a sua incineração provoca gases venenosos — perigo para as próprias instalações que os queimam e para o ambiente em que vomitam os produtos de combustão.

Na Alemanha Federal, pro-

curam-se depressões naturais, onde serão lançados e amassados e comprimidos os lixos de meios urbanos circundantes, com os quais se constituirão colinas a cobrir de terra, que depois será agricultada ou florestada, segundo projectos de urbanistas e paisagistas.

Quem poderia prever decénios atrás as atenções que os restos das coisas usadas pelos homens haveriam de mobilizar?! E com que intensidade?! E a que nível?!

Tampouco é de estranhar o nosso interesse por este assunto! Pois não é nossa vocação atender e transformar o «lixo» das ruas?!

Toda esta preocupação e actividade dos homens públicos, nos aparece, pois, como uma parábola dos nossos tempos. Tais preocupações e actividades visam a saúde pública. Têm, portanto, como fim, o bem do homem. Merecem a nossa consideração. Mas levam-nos a pensar se ao «lixo» humano que os homens também produzem, em seus desvarios e fugas à Natureza, se dá proporcionada atenção — ou se não haverá, pelo contrário, uma inconfessada tendência, em desenvolvimento acelerado, para amontoar e comprimir em depressões estes «restos» humanos e depois enterrá-los, para fazer jardins e parques onde os bem instalados terão cenário naturalista para multiplicar os mesmos desvarios, idênticas fugas...

Da mesma Alemanha de onde nos veio agora a sugestão para este discurrer, veio, umas gerações atrás, a prática sistemática da eutanásia, os cam-

pos de concentração, as câmaras de gaz...

Mas eu penso, antes e mais, nos pecados de omissão:

— Quem pensa e se debruça sobre os inválidos e os incuráveis?

— Onde a assistência psiquiátrica suficiente para os casos, cada vez mais numerosos, que dela carecem?

— A que chegam, o quase nada que há feito ou se faz pelos diminuídos com alguma capacidade de esforço útil, que a sua dignidade de homens exige seja posta em acto?

— Que é das leis e medidas práticas e eficientes que obtêm à deterioração da Família e dos costumes, de que são vítima as gerações que nos sucedem?

Há sempre interesses que obstam, instalados e poderosos que sabotam — e tudo prossegue cada vez mais na mesma, somente maior o caudal produtor do «lixo», porque é mais numerosa a população e se generaliza contagiosamente o conceito de desvalorização daquilo que não torna fácil a vida e aprazível o momento que passa.

Sou optimista por índole e não cultivamos o pessimismo por sistema. A pedagogia que Pai Américo nos legou tem por princípio a crença na bondade fundamental do homem e a confiança na sua frutificação, uma vez que se lhe dê condições de vegetação.

Ora que o «lixo» humano seja tratado e tentada apaixonadamente a sua recuperação — eis o ideal que importa generalizar, a guerra santa que urge emprender. Tão optimistas somos, que gastamos a nossa vida, certos de que vale a pena, na iluminação deste ideal, na realização desta cruzada.

Mas há tanto que fazer! Tanto que fazer! Tanto que fazer!

Lar Operário em Lamego

Damos hoje uma notícia que certamente vai alegrar os que de qualquer modo viveram a situação angustiosa daquela pobre mulher que ficou sem o marido, e que estava em riscos de ficar sem casa, para ela e os filhinhos pequeninos se abrigarem. O débito ia para além dos trinta contos. Na altura da maior aflição, só estava preocupada com a dívida e com os juros. Existiam outros empréstimos, mais pequenos, feitos a familiares, mas estes não exigiam juros e tinham dito que esperavam.

A hora em que escrevemos, já se liquidaram todas as prestações. É esta a grande notícia; é esta a grande alegria daquela Mãe e de todos os que ajudaram. Na ocasião em que lhe passámos para as mãos o dinheiro correspondente ao último pagamento, caíram-lhe abundantes lágrimas que já não pareciam tão amargas. Tinha-se a impressão que, agora na posse da casa, ela pretendia dum modo singular, dar um testemunho de dedicação e amor ao marido, que a tinha construído com tanto sacrifício. Ficámos mesmo a pensar que talvez a não preocupasse tanto a casa como habitação, mas sim como recordação afectuosa que ajudava a mitigar a

dor de ter perdido um ente muito querido. As dores e alegrias podem, e no dizer do texto sagrado, devem ser participadas, mas a sua avaliação mais exacta está no próprio que as sente.

Na solução deste caso ficámos sem saber ao certo a grande aflição daquela mulher. Todavia o que todos sabemos é da imensa alegria que sentimos ao contribuir para que a dívida desaparecesse. Ficaram ainda os tais pequenos empréstimos sem juros, dizendo ela que agora já é mais fácil. Vou saber ao certo quanto é, pois estou com vontade de ajudar a levar a cruz até ao fim. Quero — e tu leitor amigo também queres? — que o pão daquela família, tenha melhor sabor e que o sol entre mais afoito pelas portas e janelas da casa que agora é sua.

Padre Duarte

Um anúncio

Pois tem de ser um anúncio! É o nosso aparelho de radiologia.

Oferecido por médico muito amigo, que Deus já tem conSigo, ainda trabalhou o seu bocado. Depois, veio a tropa, veio a vida... e levounos os Rapazes que sabiam trabalhar com ele. Há uns anos já que está parado. E verdade seja que aqui também se não cansou muito com o trabalho!

Agora tivemos de remodelar o nosso Hospital. Estão as obras no fim. O espaço era acanhado; não nos pareceu razoável torná-lo ainda mais com um aparelho que não funciona.

Mas que fazer? Deitá-lo fora?... Faz pena! É um Siemens — um Siemens antigo, suplantado com certeza por modelos muito mais recentes, mas que na casa nos informaram ser um aparelho bom e estar ainda muito prestável.

Há quem no queira?!



Aqui, LISBOA!

Cont. da PRIMEIRA página

electrificação, enquanto aguardamos a instalação da cabine eléctrica que há-de alimentar a rede de todo o conjunto da Aldeia. Só para isto, como já aqui dissemos, são precisos 103 contos! Entretanto, no nosso espírito bailam as necessidades respeitantes a maquinaria e a outro apetrechamento, na certeza de que Deus e os Homens se explicarão na hora própria. Acreditamos.

x x x

Temos por quem trabalha o maior respeito. Os nossos Rapazes dão-nos lições em muitas circunstâncias e o seu labor compensa não raras vezes as dores de cabeça e os cabelos brancos (ou a sua queda...) que, porventura, nos possam causar. Causa-nos ao inverso um imenso tédio ver que há muita gente que não quer fazer nada e se encosta aos outros ou busca expediente para viver de costas ao alto. Desculpem, se não é muito ortodoxa a opinião: há para aí muitos senhores e senhoras

a precisar que lhes pusessem uma enxada ou uma picareta nas mãos! «Quem não trabalha não come» é uma máxima presente nas nossas Casas que precisava de alargar o seu âmbito de aplicação. E o trabalho é ainda uma grande escola de virtudes e de educação.

Se temos grande respeito por quem trabalha, na mesma linha de lógica, o temos por quem já não pode fazê-lo. Pensamos até que, aos inválidos ou doentes, haveria que fornecer condições materiais susceptíveis de fazerem frente à respectiva invalidez ou doença. Ora, na sociedade em que vivemos, isto não sucede e, quando mais dificuldades surgem é que os réditos são diminuídos. Veja-se o caso dos reformados e dos pensionistas, em muitos casos. As vezes procuram-se, como se diz em linguagem popular, uns «ganchos» em que o trabalho passa a ser escravatura. Os abusos e os sofismas aparecem a requerer todo o rigor das leis mas não justificam, por si mesmos, as situações de injustiça com que deparamos.

Temos visto em pleno Rossio um guarda do parque de automóveis lá existente que de bengala na mão mal consegue mover os pés. Temos perguntado a nós mesmos como é que um homem com aspecto de doente e alquebrado pode realizar a missão a que foi chamado e como é possível que se exija a alguém o triste espectáculo que os nossos olhos têm enxergado. Cartaz turístico em plena baixa pombalina? Nós diríamos que se trata de escravidão do tipo daquelas de que ainda não nos libertámos e em que, porventura, nem sequer reparamos. Não queríamos, porém, com estas palavras aumentar as dificuldades daquele Irmão. Que o mandem para casa, muito bem, desde que lhe assegurem o essencial à vida para não exigir tão flagrante ofensa à dignidade humana ao ver-se obrigado a arrastar dolorosamente os pés para sobreviver. É que, no caso em questão, não nos parece estar em jogo a azeite do dinheiro. E que o fôsse? Também haveria remédio. O que importa é acabar com os arrastados que nos aparecem e fazer frente aos excessos ou oportunistas que se nos depa-rem. É a Justiça a exigí-lo.

Padre Luís

LOURENÇO MARQUES

Cont. da PRIMEIRA página

feliz, por dar a mão a um naufrago que doutro modo jamais teria oportunidade de viver uma vida digna para a qual, com a ajuda de Deus, está a despartar. Só por este que fosse, valia a pena a Casa do Gaiato de Lourenço Marques. Só por este valia a pena a doação da minha vida inteira aos Rapazes da rua, valia a pena sangrar até ao fim, mesmo que quem mais deva em justiça não nos compreenda.

x x x

Está a decorrer em Lourenço Marques um curso de orientadores para lançar a Escola de Pais que em boa hora nos trouxe um casal do Porto. A oportunidade, a necessidade urgente de os pais conhecerem e acompanharem os seus filhos para melhor os orientarem na vida, é uma tarefa que se impõe.

Não podemos mais andar de olhos perdidos, à espera que o tempo remedie males que nascem em nós mesmos.

Padre José Maria

TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T. A. P. PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUE

